

Antônio Sales

(Algumas Notas e Recordações)

CRUZ FILHO

Hoje, 30.º dia do regresso de Antônio Sales ao seio das forças cósmicas, apraz-me evocar nesta página de saudade a figura do magnífico escritor e excelente amigo que tantas e tão inolvidáveis recordações me deixou.

Mas, antes de o fazer, quero formular aqui uma interrogação, parafraseada de outra que, em circunstâncias análogas, ocorreu à brilhante escritora portuguesa D. Maria Amália Vaz de Carvalho:

— Quando e em que ponto do espaço se tornarão a reunir integralmente as relampadejantes energias que constituíram sobre a terra a individualidade mental e moral de Antônio Sales ?

A interrogação, sei-o eu, ficará sem resposta, porquanto ainda não apareceu, nem talvez aparecerá jamais, um gênio da linhagem de Kant, Spencer ou Freud, capaz de apreender, na sua essência íntima, o obscuro finalismo das leis que regem a evolução do Universo . . .

* * *

Somente agora, refeito da rude comoção em mim produzida pelo seu desaparecimento objetivo, me sinto mais à vontade para fixar nesta página meia dúzia de recordações pessoais do preclaro poeta e prosador cearense.

No que entende com o mérito da sua obra de artista da palavra e com o meneio da lingua que foi o instrumento das suas conquistas, não me cabe emitir opinião; outros, com credenciais realmente idôneas, e com Martinz de Aguiar à frente, terão de estudar em tempo oportuno o primoroso escritor que se foi dentre nós.

Restringir-me-ei, pois, à fixação de pequenas impressões colhidas na convivência do seu claro e sereno espírito, em que se acastelavam os dons mais altos e belos da natureza humana.

A humanidade — escreveu Renan — é constituída de criaturas egoístas e mesquinhas, que só diferem do animal propriamente dito por terem o seu egoísmo mais refletido. Entanto — ressalva o insigne poeta das origens do cristianismo —, seres existem que erguem as frentes para o céu e dão testemunho de mais nobres destinos . . .

De minha parte, e em âmbito mais reduzido do que aquele a que se refere o pensador francês, sei que, dentre os homens com quem cruzei ou com quem estive em contacto na estrada da vida, talvez não vá além de meia dúzia o número daqueles que admitem o epíteto de «grandes», uma vez que se queira ver neste conceito a posse indiscutível de uma constelação de atributos de natureza intelectual. Acrescentarei ainda que, dentre as individualidades referidas, já sentí fugir, ao redor de mim, com destino ao quimérico “país das sombras”, nada menos de quatro figuras conspícuas: Alfredo de Miranda Castro, Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, Manuel Leiria de Andrade e, agora, Antônio Sa-

les. Qual deles o maior? — Não sei, nem tampouco se existem barômetros especiais para se cotejarem as excelências das grandes e belas almas . . .

Tratando aqui, particularmente, de Antônio Sales, direi que ao nosso escritor, tanto quanto a Machado de Assis, hoje alvo da veneração nacional, será sempre bem aplicado aquele aposto ou vocativo do soneto que o primeiro houve por bem consagrar ao último :

Alma grega exilada em nossos lares . . .

Direi também que um reflexo ou expressão do seu radioso espírito, blindado de cultura científica e de elevado senso filosófico, estava na sua irredutível adesão aos princípios gerais do naturalismo agnosticista de Spencer e Haeckel. Não foi um pessimista, como Machado de Assis; julgou ver no semblante da Natureza um riso acolhedor, e terá sido, se o foi, à feição de Anatole France, um cético indulgente e risonho, que conhecia experimentalmente o mundo e a sinuosa psicologia dos homens, mas os amava ainda assim a ambos, sobretudo ao mundo, que, prodigamente, lhe dera a mais excelsa e extremosa das esposas.

* * *

A primeira vez que me aproximei de Antônio Sales foi em fins de 1923, no palacete em que ele então morava, à rua Barão-do-Rio-Branco; levou-me à residência do poeta, para me apresentar, o meu prezado amigo Bení Carvalho. Entretanto, as nossas relações literárias ou epistolares vinham de época anterior; lembra-me que Antônio Sales me havia enviado de Porangaba, onde então se achava em *villégiature*, um soneto de feição bucólica, *Sub Tegmine*, com cativante dedicatória, destinado a um semanário que ao tempo eu dirigia na cidade de Canindé.

* * *

Antônio Sales, que manejava quatro idiomas estran-

geiros, era um exímio tradutor. Além das versões de romances de Manzoni, Ridder Hagar e Zola, encontram-se, no volume ainda inédito das *Águas Passadas*, magníficas traduções de poetas estrangeiros.

A propósito dessa sua singular faculdade de interpretação de autores alienígenas, recordarei o seguinte episódio.

Estando eu a escrever uma monografia sobre a evolução histórica do soneto no Brasil, acertei de falar ao poeta sobre o assunto e aludí ao fato de não haver encontrado traduções brasileiras de sonetos de François Coppée, um dos prógonos do parnasianismo na França. Vindo acidentalmente à balha o belo soneto "*Pour toujours*", da autoria do poeta francês, encontrado numa antologia que, no momento, tínhamos à mão, levou-a Antônio Sales consigo e, dentro de algumas dezenas de minutos, ma devolveu, da sua residência, então no bairro do Alagadiço, acompanhada da versão do soneto de Coppée, levada a efeito sobre a capa do livro, no curto decurso da viagem a bonde:

"PARA SEMPRE"

(FRANÇOIS COPPÉE)

Murmuras «Para sempre!» ao meu ombro inclinada
Nossa separação virá, no entanto. É a sorte.
Um de nós, o primeiro, há de encontrar a morte
E do chorão dormir sob a triste ramada.

Vinte vezes, do cais, já vira a marujada
Ao molhe regressar o brigue de alto porte ;
Mas um dia se fez de vela para o Norte,
E o Solo o sepultou sob o gelo. Mais nada.

Vinte anos ao beiral, com a primavera, o bando
De andorinhas volveu, jubiloso, chilreando ;
Mas o verão chegou, e eu não as vejo mais.

Juras de eterno amor teus doces lábios soltam . . .
Mas eu penso no adeus dos que vão e não voltam . . .
Por que a palavra «sempre» em boca de mortais ?

* * *

No discurso de despedidas proferido pelo ilustre padre Misael Gomes, em nome da Academia Cearense de Letras, por ocasião do sepultamento de Antônio Sales, aludiu o orador à «religião da amizade», que fora sempre professada pelo poeta extinto.

De feito, se o coração não tivera perdido o seu antigo conceito desde a definição de Bichat, que o restituiu, cientificamente, às suas próprias e reais funções, eu diria agora que o coração de Antônio Sales era o templo doirado daquela deusa esquivada. Quem-quer que dele se tenha aproximado terá certamente sentido as radiações da sua efusiva bondade, que se estendia muito além dos limites do círculo dos amigos íntimos. O seu braço foi sempre pródigo em amparos, que chegaram até a escritores principiantes, não raro um tanto importunos por suas exigências, aos quais o escritor cearense jamais deixou de conceder palavras de estímulo e incitamento.

* * *

Traslado para aqui alguns tópicos da penúltima carta que recebi de Antônio Sales, datada de 16 de Julho do corrente ano, a qual gira quase toda em torno da inominável catástrofe que caiu sobre o Velho Continente:

«Quem lhe escreve aqui é um homem que não desejaria ter vivido até agora para assistir à morte da nossa França bem amada.

«Por que a *douce France* está bem morta; dela só resta o território: *ubi Gallia fuit*. Pisam o solo sagrado de Lutécia as patas sacrílegas dos hunos, que ali entraram, na frase de Mozar Pinto, como um magote de cavalos numa catedral.

«Morreu a França assassinada pelo lampionismo germânico, que invejava a sua glória e cobiçava o seu ouro. Minada de um lado pelo comunismo e do outro pelo fas-

cismo, corroida profundamente pela politicagem, a nobre vítima caiu desamparada aos pés dos invasores após algumas inuteis tentativas de resistência.

« . . . Pétain, à frente de um governicho ridículo, está agora em Vichy preparando o pescoço da França para a canga do *nazismo*, a fim de que ela fique bem submissa a Hitler, sem mais esperança alguma de redenção. O Bárbaro domina atualmente a Europa ocidental. Mas falta ainda a Inglaterra, a ilha sagrada, que é o último reduto da Liberdade, a última esperança da Democracia . . .

«Tal é o meu ponto de vista e o de todos que não se deixaram contaminar pelo virus do totalitarismo. Nascei livre e livre quero morrer. Não aceito a doutrina totalitária, segundo a qual os povos para serem felizes precisam ser escravos.»

Sem dúvida, certos pontos de vista constantes do trecho transcrito oferecem flanco a controvérsias, que aqui não teriam cabimento. Mas o que ressalta do conjunto é o grande amor do poeta à França, sua pátria mental, cuja desastrosa queda, corolário imediato do desaparelhamento militar da nação, da inércia de Daladier e, à última hora, da sorrateira fuga do exército expedicionário que a Grão-Bretanha havia enviado ao continente, repercutiu sobremodo na sensibilidade, já muito abalada pela doença, do insigne patricio cuja perda hoje choramos.

* * *

Quem por ventura tiver lido as *Aves de Arribação*, o belo romance cearense que, no domínio da literatura "realista" do norte do Brasil, só encontra par na *Luzia-Homem*, de Domingos Olímpio, terá encontrado, no enredo da obra, certo bisonho poeta sertanejo que traz o nome de Matias de Araujo, autor de uns líricos *Pingentes*; essa personagem é mais do que um canestro poeta do sertão, por que é, em verdade, um símbolo, no qual muitos outros poetas de carne e osso flagrantemente se reveem . . .

Confessou-me Antônio Sales que o pobre *Matias* não passava de uma auto-caricatura do próprio autor do romance, ao tempo em que vivia no interior do Ceará, à ilharga de outras figuras, também romanceadas no livro, da pacífica *Ipuçaba*, pertencentes ao evo em que *Ipuçaba* não era ainda a atual cidade de Soure . . .

* * *

O precário estado de saúde de Antônio Sales, que se veio agravando com o decorrer do tempo, não lhe permitiu a conclusão do romance *Estrada de Damasco*. Há cerca de três anos, o poeta convidou-me a mim e a outros amigos para assistirmos em sua casa, à rua Oto-de-Alencar, à leitura dos capítulos escritos da nova obra. Reunidos um domingo no seu gabinete de trabalho, procedeu à leitura o Dr. Hildeberto Ramos, acompanhando-a a assistência com crescente emoção. Cenários de ontem, mas sempre novos, figuras vivas e palpitantes que neles se moviam, lances da comédia da vida cotidiana, através dos quais todos passamos a cada instante, vozes de angústia, cânticos de amor, penas e risos, saudades, — numa palavra, saudades do que viveu um momento e não se fixou, do que quis ser e não foi, do que deveria ser e não é, tudo isso, evocado e animado pela pena de um artista de escol, numa linguagem cambiante e tersa, converteu, por alguns minutos, o plácido gabinete do escritor num animado e flagrante palco da vida . . .

A certa altura do desenrolar das cenas do romance, diante da ressurreição inopinada de todo um mundo de fantasmas familiares, mundo que reproduzia o nosso mundo real ou era ele próprio, com as suas lutas, as suas paixões, as suas incoerências, os seus contrastes, as suas alegrias e decepções, — a essa altura observei que lágrimas incontidas marejavam os olhos do coronel Alves Távora, então diretor do extinto *Colégio Militar*, e também os do próprio mágico da palavra que escrevera aqueles capítulos do romance para sempre inacabado . . .

(Em 14 de Dezembro de 1940)